



 **2015** abertura
ano solene
académico **16**

Discurso do Reitor
Prof. Doutor António Fidalgo

7 outubro 2015 | Universidade da Beira Interior

Discurso da Abertura Solene das Aulas 2015/2016

1- Iniciamos o ano académico de 2015/2016 animados e felizes com a elevada taxa de colocação de alunos na 1ª e 2ª fases do Concurso Nacional de Acesso. Os novos alunos que todos os anos entram na universidade são o sangue novo que vivifica e regenera a nossa comunidade e lhe dá a força para continuar e continuamente se reformar. De facto, a universidade mantém-se na medida em que se renova. A sua identidade consiste mesmo numa contínua renovação daquilo que é. É essa também uma das maiores forças da universidade e que a distingue de outros centros de saber e de ciência: cada ano há uma injeção de sangue novo que a rejuvenesce.

A universidade é fundamentalmente uma instituição de ensino e formação superior, a quem cabe transmitir às novas gerações o saber adquirido em todos os tempos e em todos os lugares. Transmissão e tradição. De facto, tradição mais não significa do que trazer para o presente o que pertence ao passado. Sendo as universidades, portanto, por natureza, entidades tradicionais, de salvaguarda dos saberes adquiridos no passado, necessitam de permanentemente se rejuvenescer para actualizar esses saberes e os aumentar para os vindouros, e se perpetuar a si própria. Aprender do passado, investigar no presente e projectar o futuro.

Fica assim claro que a entrada de novos alunos é muito mais do que uma questão de financiamento das instituições, de garantia de que os cursos não fecham. É sobretudo o imprescindível rejuvenescimento do ser e do agir universitários, de aquisição, transmissão e criação de conhecimento.

Por isso tanto nos alegramos que a UBI tenha tido este ano tão significativo preenchimento das vagas postas a concurso. Mesmo cursos que há anos perigavam no seu funcionamento face ao reduzido número de novos alunos, nomeadamente nas engenharias, tiveram uma boa procura.

Lembro que na UBI estavam 1240 vagas a concurso e na primeira fase tivemos 1115 alunos colocados, dos quais se inscreveram 885, e na segunda fase tivemos 294 alunos colocados tendo-se matriculado 248, o que perfaz 1133 alunos matriculados. Se somarmos os candidatos internacionais e de outros concursos chegamos a 1353 alunos, mais do que as vagas inicialmente oferecidas. Cursos que nos últimos anos mostraram alguma debilidade na captação de alunos, aparecem este ano com um número de inscritos satisfatório, nomeadamente, Eng. Electromecânica com 43 alunos, Eng. Electrotécnica e de Computadores com 24, Informática Web com 28, Bioengenharia com 16, Química Industrial com 15 e Eng. Civil com 12.

Há obviamente razões para este aumento de inscrições na UBI e importa examiná-las. Os bons números obtidos este ano lectivo são uma feliz conjugação de factores, de que saliento três. Este ano chegaram ao ensino superior os primeiros alunos sujeitos à obrigatoriedade dos 12 anos de escolaridade obrigatória, aumentando assim o número de candidatos. Em segundo lugar, este ano os exames nacionais de acesso foram mais adequados à realidade escolar do ensino secundário em Portugal (ou mais fáceis do que o habitual, para usar uma expressão comum). Por fim, a retoma económica em Portugal, mesmo que tímida, deu novo ânimo aos jovens que terminaram o secundário e pretendem uma qualificação superior para concorrer ao mercado laboral nacional e internacional.

Não foram, todavia, apenas razões extrínsecas que causaram a boa captação de novos alunos. Quero salientar aqui o trabalho feito pela UBI com as escolas secundárias da região e que nos trouxeram alunos, alguns de elevado potencial. A Academia Júnior de Ciências lançada o ano passado, que juntou aqui semanalmente os jovens

mais brilhantes das escolas secundárias da Covilhã, do Fundão, de Belmonte e de Gouveia para terem sessões, sobretudo com os docentes da Faculdade de Ciências, foi um êxito. Os jovens ficaram extremamente agradados com a experiência e os professores mostraram um empenho extraordinário. Claro que o mérito maior cabe ao Prof. Manuel Saraiva, que, aposentado, tem sido a verdadeira alma e motor da Academia Júnior. Aos professores que colaboraram e vão continuar a colaborar nas actividades da Academia Júnior e, claro, em particular ao Prof. Manuel Saraiva, o meu profundo agradecimento. Seria excelente que da parte das Artes, Humanidades e Ciências Sociais surgissem iniciativas semelhantes, podendo já beneficiar da experiência obtida. Podem contar com o apoio financeiro e logístico da reitoria. As ligações com as escolas secundárias e os municípios são de grande cooperação e podemos, pois, alargar e aprofundar os vínculos da universidade às escolas secundárias da região.

Quero referir também o trabalho que vários professores da Ubi vêm desenvolvendo com tanto sucesso com alunos do secundário e que tão bons frutos têm produzido. O Prof. António Espírito Santo,, do Departamento de Electromecânica tem feito com um grupo de alunos da Escola das Palmeiras, desde 2012, e que já vai na 3ª edição. A primeira edição foi financiada pelo Ciência Viva, mas tem-se mantido em funcionamento graças também ao empenho do Professor e dos docentes da escola secundária. O objectivo é sensibilizar os alunos para a engenharia, através de uma frequência dos espaços e dos laboratórios da UBI. Há uma página na Internet: www.pec212.ubi.pt, onde podemos ver os conteúdos estudados e experimentados. No último ano, dos 17 alunos que frequentaram o curso 11 optaram por um curso de engenharia na UBI. O Prof. Eduardo Cavaco da Faculdade de Ciências da Saúde tem organizado nos últimos dois anos uma universidade de Verão na UBI, que acolhe alunos do secundário e lhes proporciona uma experiência de imersão no mundo universitário ubiano. Também a Prof. Sandra Soares da Faculdade de Ciências tem dinamizado as Masterclasses Internacionais em Física da Partículas em que alunos do secundário vêm à UBI para ser cientistas durante um dia. Convém ainda referir todo o trabalho que vários núcleos de estudantes desenvolvem na difusão da ciência e da UBI por escolas da região. A todos quero manifestar o meu enorme apreço.

É com iniciativas deste tipo que a universidade faz dois em um, que põe oiro sobre azul: i) eleva o nível científico das escolas secundárias da região e além-região e ii) consegue que alunos de elevado potencial ingressem posteriormente na UBI.

Mas, é crucial que tenhamos bem consciência de que a abundância de candidatos este ano ao ensino superior em Portugal não vai repetir-se por muito mais tempo. Dentro de 3 a 4 anos começaremos a sofrer a inexorável diminuição de jovens portugueses à procura de formação universitária. A razão é tão simplesmente demográfica. Nos inícios de Julho houve algum eco na imprensa nacional sobre os alertas feitos pelo Presidente da A3ES e pelo reitor da Universidade de Coimbra de que dentro de 10 a 15 anos se verificará uma diminuição brutal de caloiros. Cito textualmente o reitor de Coimbra, João Gabriel Silva: "É de esperar que, entre 10 a 15 anos, haja pouco mais de metade dos jovens que hoje procuram a instituição a chegar à Universidade de Coimbra (UC)", assegurou não ser esse alerta "uma especulação vazia ou um pesadelo de uma digestão mal feita" ([JN, 04.07.2015](#)). Mas se Coimbra vai ter, se nada for feito, metade dos alunos daqui a 10 a 15 anos, isso significa que as IES do Interior do país por essa altura já não existirão, se, e repito, nada for feito. O desafio é justamente esse, o que devemos fazer.

O ano passado já tivemos o curso de Engenharia Civil com mais alunos estrangeiros do que alunos nacionais a frequentar o 1º ano e é previsível que esse facto se repita nos próximos anos em outros cursos de graduação. No Concurso Nacional de Acesso deste ano apenas dois alunos escolheram o nosso MI de Engenharia Civil, um na primeira fase e outro na segunda, mas felizmente são 12. Dos alunos estrangeiros que ingressaram no MI, destaco a estudante síria Saffana Sadieh que, através do Jornal da Noite da SIC de 27 de Setembro, declarou que vinha estudar Engenharia Civil para a UBI. Num momento de grande atenção pública à chegada dos estudantes sírios, foi comovente a declaração determinada daquela jovem árabe de, ao estudar Eng. Civil na UBI, o fazer num registo de esperança para um dia mais tarde ajudar a reconstruir o seu país desfeito pelas bombas. Também quero destacar a escolha dos alunos cabo-verdianos pelo curso de Eng. Civil da UBI, na pessoa do aluno Elísio Nobre Santos, que é o 4º irmão a vir estudar para a UBI, tendo começado com o mais velho, o António Leite, que terminou o mesmo curso em 2006, e que jogou futebol nos Juniores e nos Seniores do Sporting da Covilhã. As duas irmãs do meio estudaram Economia e Psicologia.

Motivo de grande esperança na captação de alunos lusófonos é o protocolo celebrado entre a UBI e o INAGBE, Instituto Nacional Angolano de Gestão de Bolsas de Estudo, em 15 de Setembro, na Embaixada de Angola. Graças a este acordo, chegaram já este ano 37 alunos angolanos para cursos de 1º ciclo, parte deles inscrevendo-se em cursos onde temos menos procura nacional: 8 para Química Industrial, 7 para Ciências Biomédicas, 6 para Informática, 4 para Electrotecnia, 3 Electromecânica, 4 para Arquitectura, 2 para Eng. Civil, 1 para Informática Web e 1 para Biotecnologia. Da parte da UBI haverá todo o esforço para enquadrar bem estes alunos, para os acolher numa comunidade hospitaleira e lhes proporcionar um ambiente de estudo e trabalho sérios. Esta nova parceria com o INAGBE vem juntar-se à que temos como o Instituto Superior Técnico Militar de Angola, e que nos trouxe este ano uma turma de alunos para o Mestrado em Supervisão Pedagógica, estando prevista uma reedição para o início de 2016. A colaboração com o ISTM é para reforçar e esperemos que a cooperação que começou na área das biomédicas e passou pela educação, possa estender-se às engenharias.

Angola é um imenso país de 24 milhões de habitantes, muito jovem, com necessidades na área de formação e recursos humanos. Temos todo o interesse em cooperar no desenvolvimento daquele país que nos é tão próximo. Há mais de 7 milhões de alunos no sistema educativo angolano e uma enorme carência de professores. _Acredito que deveria haver a nível inter-governamental uma parceria para, numa acção concertada, as IES portuguesas formarem as primeiras levas de professores dos ensinos básico (2º e 3º ciclos) e secundário e, desse modo, pudéssemos reanimar as nossas faculdades de letras e de ciências como escolas de excelência na formação pedagógica.

A maneira como acolhermos e soubermos corresponder às expectativas destes alunos determinará a nossa capacidade de atrair no futuro mais jovens desse país. A UBI muito terá a ganhar com uma comunidade de estudantes angolanos que irá crescer agora todos os anos. E o que vale hoje para Angola, vale também para Moçambique e para os outros países africanos de expressão portuguesa. Lembro que temos este ano 5 alunos de S. Tomé e Príncipe, 4 deles providos da Ilha do Príncipe e bolseiros da Câmara Municipal da Covilhã, e 2 alunos bolseiros de Moçambique, todos eles para cursos de 1º ciclo, a que há a acrescentar os alunos de 2º e 3º ciclos.

Aqui importa não esquecer nem Cabo Verde, nem o Brasil. Cabo Verde pela longa tradição de alunos dali que nos procura, e depois pela profunda ligação que os alumni cabo-verdianos mantêm com a UBI. São sem sobra de dúvida um caso exemplar de alumni ubianos. O Brasil é uma enorme potência de 200 milhões de habitantes falando a mesma língua que nós, brasileira é a maior comunidade estrangeira na UBI, e basta uma pequeníssima percentagem de estudantes brasileiros escolherem a UBI para nunca mais sentirmos a angústia de um dia termos de fecharmos cursos por falta de candidatos. O trabalho iniciado o ano passado por uma equipa da UBI em Minas Gerais, Uberlândia, prosseguiu este ano com outros grupos de ensino secundário no Brasil, nomeadamente o Colégio João Paulo II no Rio Grande do Sul com mais de mil alunos a fazerem o exame ENEM. É com estes colégios privados do Brasil que estamos a criar a Rede UBI, já em actividade. Em 8 de Novembro receberemos uma visita de estudo de 10 alunos deste último Colégio, que ficarão alojados na UBI durante 5 dias não só para visitar as instalações da UBI, mas para terem também actividades nas diferentes faculdades.

Acredito que quanto mais plural e diversa for a proveniência geográfica e cultural dos nossos alunos, mais a UBI será atractiva, não só para eles, mas também para os jovens nacionais. Teremos uma comunidade e uma cidade muito mais cosmopolitas, e isso será uma enorme riqueza e motivo de uma maior atractibilidade da nossa universidade. O trabalho de internacionalização é de longo fôlego e requer um empenho continuado e persistente de todos, nomeadamente da reitoria, de faculdades e departamentos num forte espírito de colaboração.

Faço, assim, um apelo a toda a comunidade académica para cada professor, cada funcionário, cada aluno nacional, acolher ao menos um aluno estrangeiro, convidando-o para suas casas, para eventos festivos, incluindo o Natal, e mitigar assim as saudades que certamente sentirão das suas terras de origem.

A UBI e os SASUBI tudo farão para que os estudantes estrangeiros se sintam em casa e adotem a UBI como verdadeira *alma mater*. A expressão: "*ubi bene ibi patria*" significa que onde nos sentimos bem aí é a nossa pátria.

2- O segundo ponto que quero tratar nesta abertura solene das aulas é o fortalecimento da identidade ubiana através da página web da universidade e das ferramentas online. É sabido que a página web é hoje o rosto mais visível de uma instituição e que diz muito do que ela é. Por isso mesmo, investimos seriamente numa nova página da UBI, tanto do ponto de vista da estrutura interna de código e de bases de dados, como no design. Considero que a UBI tem uma página ao nível do melhor que se faz em todo o mundo, ou não tivéssemos tomado como ponto de comparação as páginas das universidades mais conhecidas, tanto portuguesas como estrangeiras.

Existe também um versão inglesa da página da UBI de modo a podermos apresentar-nos aos nossos parceiros internacionais. É fundamental que o escrutínio a que estamos sujeitos por parte da sociedade seja feito tanto interna como externamente. As páginas das universidades são hoje um importante chamariz, não só na captação de alunos além fronteiras, mas também na disponibilização relevante de informação para a cooperação internacional.

Mas hoje quero falar em particular da intranet da UBI como elemento importante e hoje imprescindível na afirmação identitária de cada membro da nossa comunidade académica e como representante da instituição.

Começo pelo email. Além do nome, que nos identifica pela pertença familiar, temos hoje outros elementos como o Bilhete de Identidade ou Cartão de Cidadão, para nos identificar, isto é, para confirmar quem nós somos,

seja em sociedade, seja perante a máquina fiscal, seja no sistema nacional de saúde. Mas além dos números de cidadão e de contribuinte, temos também elementos importantes da nossa identidade comunicacional como são a morada (para os serviços postais, electricidade, água, etc.), o email e o telemóvel. O email é uma peça importante na identidade das pessoas.

Pela primeira vez, este ano os alunos que entraram na UBI passarão a identificar-se nos serviços da universidade através do seu email. Não mais usarão o seu número de estudante, mas sim o seu email personalizado e construído a partir do nome. Com isso, pretende-se que se sirvam do email @ubi.pt para a comunicação epistolar electrónica. Será com esse email personalizado que acederão aos serviços académicos e ao Moodle e onde passarão a receber toda a correspondência emanada da universidade. Deixarão de ser aceites emails de serviços comuns, como Hotmail ou Gmail. Todos os outros estudantes estão a ser convidados a personalizar o seu email, da mesma forma que os seus colegas caloiros. Quando saírem da universidade e passarem à categoria de *alumni* continuarão a poder usá-lo e a mostrar a sua identidade de ubianos.

Esta personalização do email inclui-se numa melhor integração dos serviços informáticos disponibilizados na UBI, tanto académicos como administrativos. Hoje começa a funcionar a intranet da UBI, minha.ubi.pt, a que se acede directamente através deste url ou através da página oficial da UBI, www.ubi.pt. Cada membro da comunidade autenticar-se-á através do seu email e password e, a partir daí, terá acesso a todos os serviços reservados da UBI: email, calendário, livro de endereços, balcão virtual, Moodle, Biblioteca, Área Reservada, RAD, SIADAP, GDUBI, SIGTEC, etc. seguindo uma política de uma única autenticação (dito em inglês, *single sign on*). Basta autenticar-se a primeira vez para depois não mais necessitar de se autenticar em cada uma destas aplicações. Os estudantes receberão ali as informações e os avisos sobre a sua vida académica, horários, calendário de exames, alertas de prazos, avisos de pagamento. Um docente terá as mesmas funcionalidades que agora tem no balcão virtual, só que acrescidas de outras como o acesso directo ao Moodle e ao RAD, e os que tiverem responsabilidades administrativas terão também acesso directo às respectivas plataformas. Os funcionários terão acesso às plataformas específicas. Obviamente todos os que entram na minha.ubi.pt têm ao seu serviço as ferramentas do Office 365 da Microsoft. O office (word, excel, onedrive, Outlook, calendário, livro de endereços, etc.) ficou também integrado neste portal único e personalizado de quem se autenticar na página da UBI.

O meu empenho na criação de uma estrutura unificada nos serviços informáticos da UBI, subjacentes aos muitos e diversos serviços da universidade, académicos e administrativos, visa não apenas uma simplificação técnica, mas tem também como objectivo último uma maior identificação dos membros da comunidade académica com a própria instituição ubi.pt. Claro que se trata de simplificar a vida de todos os que trabalham na UBI, mas trata-se também de facilitar a cooperação de todos os que aqui trabalham, alunos, professores e funcionários, e estreitar os laços que nos ligam na epopeia do conhecimento que é a vida universitária.

Este esforço de simplificação e unificação vem no seguimento do esforço desenvolvido ao longo destes últimos dois anos de dinamizar, isto é, de encher de vida os espaços da universidade. Com efeito, as nossas vidas hoje têm uma componente comunicacional ubíqua e permanente permitida pelos dispositivos móveis. É importante que sejamos tão ubianos dentro como fora da UBI. A coesão que sempre defendi como charneira da vida académica

tem de ser construída diariamente em espaços e momentos comuns e também com as ferramentas informáticas que hoje estão à nossa disposição.

3. Não quero terminar sem referir o Centro de Competências em Cloud Computing, cujo memorando de entendimento foi celebrado entre a UBI e a CCDRC no passado dia 18 de Setembro e que de algum modo veio culminar o trabalho em prol da investigação que vem sendo desenvolvido nos últimos anos. De facto a UBI nos últimos 3 anos, 2013-2015, teve e tem em execução um conjunto de 46 projectos nacionais no montante de 21.359.922 euros e 34 projectos internacionais no montante de 4.850.485 euros, isto é, mais de 26 milhões de euros.

O novo Centro de Competências em Cloud Computing tira partido de uma realidade que é a existência do Data Center da Covilhã, ao qual a UBI já está ligada por fibra escura, mas também do saber e das competências que a universidade granjeou nesta área, como também de uma vasta rede de parcerias com empresas na área das TIC e de serviços de *nearshore* que paulatinamente estão a criar um cluster na região. O Centro de Competências em Cloud Computing não é mais uma unidade de I&D da UBI, mas um centro dinamizador do potencial científico, económico e social da região. Temos um milhão e meio de euros no primeiro ano para lançarmos este centro que se pretende de topo a nível mundial, com uma comissão científica internacional a quem caberá escolher o director do Centro. Queremos fazer parte da elite mundial na área do cloud computing, como queremos contribuir aqui no terreno, através da experiência pioneira da cloudificação de uma Comunidade Intermunicipal, para a modernização administrativa da região e assim servir de modelo à administração pública no geral. O desafio é grande, bem o sei, mas tenho a confiança de que teremos a força e a sageza para o realizar.

Mais coesos nas tarefas de estudar, ensinar, aprender, investigar e administrar, faremos uma melhor e mais perfeita comunidade académica.

Muito obrigado a todos.